

ALMA

Peça em um acto de MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO e PONCE DE LEÃO (1913). Publicada na revista «Cultura Portuguesa», n.º 2 (Janeiro-Fevereiro de 1982).

Representada pela primeira vez na sala experimental do Teatro Nacional de D. Maria II em 15 de abril de 1983, numa encenação de Sinde Filipe.

[...]

Cena única: «sala de fumo, bem mobilada, cheia de gosto, notando-se em tudo mãos femininas». Actualidade.

Poeta e dramaturgo, Jorge, marido de Clara, explica aos seus amigos Ricardo e Martim o significado da sua última peça, a que deu, simbolicamente o título de *Crase*: a «contracção de dois sons ou vogais numa só». E resume o argumento: «Dois entes, para serem felizes, precisam suprimir um terceiro que os incomoda. É o mesmo que sucede nos versos do grande poema da vida. Cortam-se letras para soarem bem». Jorge sai com Martim para lhe mostrar as flores do seu jardim, deixando Clara e Ricardo sozinhos. Este, que é oficial da marinha, vai partir voluntariamente para Timor, a fim de se afastar de Clara, a quem confessou um amor impossível (por ela partilhado) que em silêncio os acompanhava desde a adolescência. O regresso do marido faz derivar a conversa para um crime recente de que fora vítima uma mulher adúltera. Jorge considera que «tolo é o marido que, tendo a consciência de possuir a alma da mulher, a mata porque ela entregou o corpo (...) por uma necessidade dos sentidos, por uma excitação mórbida – e quem sabe se não foi pensando nele que se entregou?». Os dois amigos despedem-se e Jorge exige que a mulher lhe diga o que há entre ela e Ricardo. Clara jura-lhe que não é sua amante, mas Jorge acusa-a de adultério por «ter amado de alma» o outro, por ter «vivido em concubinação com os seus pensamentos adúlteros ao mesmo tempo que entregava aos beijos ao marido desprezado o corpo que não quis, por honestidade, entregar ao amante adorado». Atraído «na alma», julgando possuí-la quando abraçava a mulher e esta deixava beijá-la «pensando no outro como se fosse ele próprio que a tocasse», luta com ela no desejo de a matar «como se desfaz um poema de amor no qual se descobre um verso errado». Mas a luta acaba num amplexo amoroso e, enquanto o pano cai rapidamente, «Jorge cola os lábios às carnes brancas e palpitante de Clara, que lhe passa os braços em volta do pescoço».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 142-143.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.